

FAO

ano III . # 13



RAFAEL DAMBROS

GUSTAVO MARCASSE

FEFO REYES

WILHELM VON GLOEDEN

A história da cueca

(d)Eficiência

RAFAEL H. DAMBROS 2010

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Terceiro dia*, caneta esferográfica em papel, de
Rafael Dambros, 2020.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



Sumário

Editorial

Essa edição veio com força. Além
de todas as dificuldades de
produzir sozinho, especialmente
no meio dessa pandemia sem fim
previsto, tive que lidar com o luto.

A perda de um amigo de forma repentina
por conta desse mal que nos assola – não
falo só do vírus, mas também do descaso
eterno com a saúde do país – gerou uma
energia interrompida, um não-fechamento, algo
perdido no ar, sem volta. Foi preciso converter
as boas memórias que ainda causam tristeza
em potência criativa e assumir a necessidade
de ajuda. De chamar os amigos.

Falei com meu amigo Marcos Rossetton
(artista da sétima edição que também é
professor de moda) sobre a possibilidade de
escrevermos um texto juntos sobre a história
da cueca. O convite foi prontamente aceito e
o texto ficou bem bacana. Agradeço muito a
essa parceria feita no meio de uma residência
artística. Obrigado, Marcos!

Na esteira das últimas edições, onde venho
dando voz àqueles sem espaço, decidi falar
das pessoas com deficiência. Esse ímpeto veio
depois que um seguidor – outro Marcos – se
me revelou sua condição porque, com a ajuda
da revista, começou a se olhar de outra forma.
Então, pedi depoimentos para a revista e o
desafiei a aparecer nu. Ele aceitou.

Esse alcance da revista me é muito caro.
Entender que ela é capaz de trazer algo de
positivo para esse mundo é uma das coisas

que me leva a permanecer nesse caminho
cheio de obstáculos. Ao estudar sobre pessoas
com deficiência, minha visão de mundo se
abriu. Olha... eu te garanto que você não sabe
nada sobre o assunto e ainda age de forma
preconceituosa sem nem se dar conta. É uma
daquelas matérias divisoras de águas.

Bem como o *Bibliófalo*. O livro do meu amigo
Eliude é um soco atrás do outro. Imperdível,
mas precisa de preparo. Não é para mentes
fechadas.

Coloquei na capa meu amigo Rafael
Dambros que sofreu com a censura no
mesmo momento que a revista estava se
desenvolvendo. Tanto Gustavo Marcasse e Fefo
Reyes também rondam o assunto censura:
enquanto um tenta driblar algoritmos o outro
explora a sua autoimagem e seus desejos
para refletir sobre a censura que colocamos
sobre nós mesmos. Na história, ficamos
conhecendo Wilhel von Gloeden, fotógrafo
importantíssimo para o nu masculino enquanto
Arte, mas que nos leva a questionar os limites
éticos e de censura.

Junto com mais um *Falatório* belíssimo, um
moNumento de respeito, a charge sempre
certeira de Adão Iturrugarai e as folhas de
guarda* com Pedro Moreira, essa edição veio –
como dito no início – com FORÇA!

Se quiser colaborar com o projeto, procure a
Falo na *Benfeitoria*, no *Redbubble* ou mande um
e-mail que responderei com prazer.

Essa revista é pra ti, Luiz.

Filipe Chagas, editor

Rafael Dambros	6
Gustavo Marcasse	24
Fefo Reyes	36
FALO DE HISTÓRIA Wilhelm von Gloeden	50
FALO EM FOCO	69
ESPECIAL A história da cueca	70
FALORRAGIA + FALOCAMPSE (d)Eficiência	82
FALATÓRIO	102
BIBLIÓFALO Espinhos do Bosque Sagrado	104
FALO com VOCÊ	108
moNumento	111

* Folhas de Guarda servem para unir a capa dura
ao corpo do livro e também para protegê-lo.

A história da cueca

por Filipe Chagas e Marcos Rossetton

Reza a lenda que no século 3, após uma grande descoberta, o físico, matemático e inventor Arquimedes saiu correndo pela cidade apenas de roupas íntimas gritando “Eureca!”, mas muitos entenderam que aquele senhor maluco estava gritando “Cueca!” e, assim, o termo foi criado*.

* Hoje acredita-se que a palavra “cueca” deriva do latim vulgar “culus” (ânus) e do grego “eco” (casa).

Ah... a cueca! A vestimenta masculina que acomoda a genitália do homem vai além de um simples traje de proteção. Passou por adaptações ao longo do tempo conforme as necessidades de quem a vestia, que, ao contrário do que pensam a maioria, nunca foram sempre as mesmas. Dessa maneira, o homem do passado acomodava seus “documentos” em diferentes modelos, nomes e materiais para sua confecção.

Cueca é evolução e percurso da humanidade: ela é manifesto. Como fetiche, por exemplo, ela transita de objeto de desejo a produto gastronômico, (alimento, literalmente) em modelos exclusivos, mais originais e ousados. Credo! Que delícia! Quanta coisa em uma cueca!

Mas será que cabe tudo dentro? Afinal, o que a história da cueca esconde? Vamos voltar um pouco ao passado, pois a cueca está também “recheada” de cultura!



AS PRIMEIRAS CUECAS

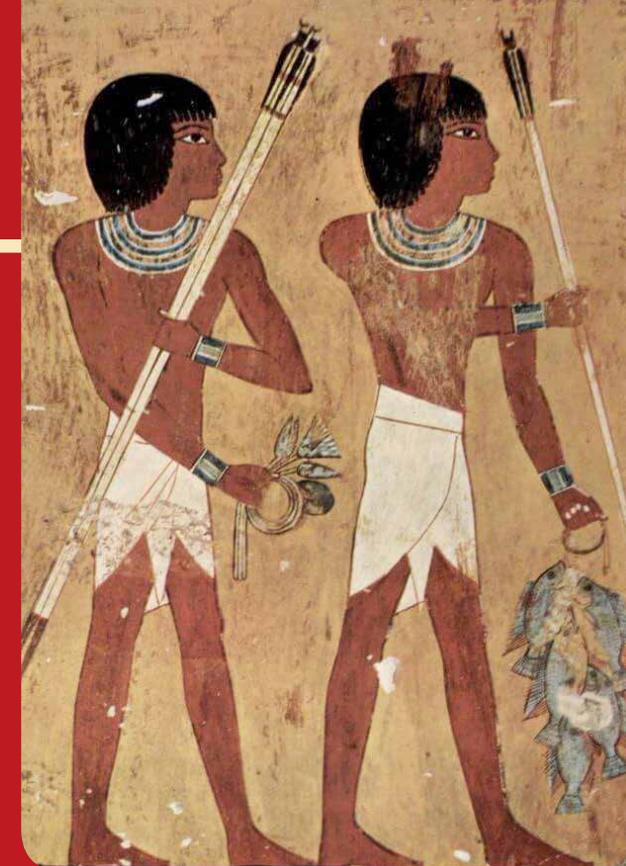
Segundo a religião católica, Adão foi o inventor da cueca já que, após comer o fruto proibido, teria percebido que estava nu e usou uma folha de figueira para esconder suas partes íntimas*. Todavia, descobertas arqueológicas confirmaram que o homem pré-histórico usou um pedaço de pele de animal amarrado em volta dos quadris (o primeiro registro arqueológico de algo cobrindo o corpo data de 3.300 a.C., foi encontrado nos Alpes protegendo o baixo ventre de “Ötzi, o homem de gelo”). É possível que isso tenha começado a acontecer por volta de 1,5 milhões de anos atrás quando houve perda dos pêlos corporais e a genitália masculina dos *Homo erectus* começou a se externalizar.

Em diversas civilizações, assim como muitas tribos na África, essas “tangas pré-históricas” vestiram o homem por séculos, evoluindo em material. Sabe-se que no Antigo Egito, um longo triângulo de linho com tiras nas pontas era amarrado ao redor dos quadris e laçado por entre as pernas; depois, com as tiras, era amarrado novamente nos quadris (*chanti*). O rei Tutancâmon, falecido em 1324 a.C., foi enterrado com dezenas de tangas de seda muito bem elaboradas.

Esse modelo perdurou pela civilização ocidental a partir de Roma, sendo linho o único material lavável. Com as invasões bárbaras, houve o contato com as *braies*, um tipo de calção longo usado pelas tribos celtas e germânicas feitas de couro ou lã, que era amarrada no joelho ou nas panturrilhas. Elas foram, então, adotadas pelos romanos e chamadas de *braccae*, para proteger o corpo ante o metal áspero das armaduras medievais, depois que um armeiro inventou “cuecas de aço” e causou desagradáveis acidentes. Podemos usar de licença poética para dizer que era a ancestral das ceroulas** que conhecemos hoje.

* Leia mais sobre a folha de figueira na sexta edição.

** Carece de informações precisas, porém, diz-se que as ceroulas foram inventadas no século 13 por Leonardo da Vinci.



Acima, os *chantis* egípcios; abaixo, as *braies*.





Codpiece no Retrato de Pier Maria Rossi di San Secondo (óleo sobre tela de Parmigianino, 1538) e na armadura de Fernando I do Sacro Império Romano-Germânico (1549).

Foi durante a Renascença que surgiu uma peça revolucionária e curiosa que precisamos conhecer: o *codpiece** dos lordes ingleses – ou a *braguette* dos refinados franceses. Era como uma bolsa na parte frontal das calças masculinas – que eram, na verdade, duas meias bem justas que iam até a virilha, sem acomodações para a genitália** –, presa por laços, botões, alfinetes ou grampos. Além de dar espaço e facilitar a ida ao banheiro, a peça mudou a moda entre os séculos 14 e 16: os longos coletes usados para esconder a ausência de tecido na região puderam ser encurtados.

Com o passar do tempo, as peças foram moldadas e acolchoadas para expor a virilidade masculina, enfatizar o pênis ao invés de escondê-lo. Até mesmo armaduras de cavalaria receberam essa peça do vestuário para garantir mais espaço e proteção. Entre 1540 e 1560, chegou-se a projetar um modelo para segurar o pênis em uma posição que insinuava que ele estava ereto constantemente. Era suporte para pequenas joias e pequenos pertences... literalmente, guardavam-se ali os documentos, ou seja, tamanho era documento!

A partir do século 18, a Revolução Industrial trouxe novas invenções – como a máquina de fição, de tecelagem e de costura – para incrementar a confecção de roupas em série. Flanela e algodão tornaram-se populares para as roupas íntimas a partir da década de 1830, especialmente nas cores cinza e vermelho.

* *Codpiece* vem de *cod*, inglês medieval para “escroto”. O termo francês *braguette* gerou a palavra “braguilha”, que é também o termo usado para a abertura à frente das calças – e até cuecas – que se costuma fechar com botões ou zíper. Em Portugal, a peça foi chamada de “porta-pênis”, uma vez que acomodava o falo da terra de Cabral, ora pois!

** Hoje ouvimos a expressão “par de cuecas” por causa dessa composição de duas pernas unidas pela cintura que era chamada de “par de roupa íntima”.

He looks to you...and he's your responsibility

SUPPORTER WILT IS DANGEROUS!

● No coach is interested in just *part-time* protection for his athletes. Full protection *every playing moment* is essential. And that means proper equipment starting with a comfortable, effective non-chafing supporter.

For these important reasons Bike is chosen by most coaches to support *all* their teams. Bike's special *non-wilt* features assure the kind of support every athlete needs—dependable, long lasting, comfortable. The finer materials in Bike guarantee it. And Bike's two famous numbers, 5 and 55, alone in the athletic goods field use famous "Lastex," the miracle yarn.

For full protection... for lasting support... equip your men with Bike Nos. 5 or 55, the supporters worn by more athletes than any other make.

BIKE quality assures dependable, lasting support

Bike Nos. 5 and 55 offer these important non-wilt features



1. "LASTEX, THE MIRACLE YARN THAT MAKES THINGS FIT." Bike Nos. 5 and 55 alone in the athletic goods field use "Lastex yarn." The greater uniformity of a cross section of "Lastex" assures longer life.



2. NO SIZING TO CAUSE WILT FROM REPEATED LAUNDERINGS. Every Bike pouch is full size for maximum wear and comfort. No skimping of materials to cause binding.



3. TEST BIKE YOURSELF FOR ELASTICITY, FOR STRENGTH. No sizing or filler assures Bike's greater elasticity and longer life.

PRE-SHRUNK! All Bike elastic is pre-shrunk in a special solution, then carefully dried without tension. Another reason why Bike gives long-lasting comfort and protection—can take hard use and extra washings.



BIKE 5 and 55 SUPPORTERS

SALES AGENTS: A. S. Callaway & Co., 306 Broadway, New York • Martin & Martin, 5 South Wabash Avenue, Chicago • McDonald & Billmire, 604 Mission Street, San Francisco • John H. Graham & Company, Inc., 105 Duane Street, New York • H. B. Hughes, 1209 N. Edgefield Ave., Dallas

BIKE WEB MANUFACTURING COMPANY DANA E. MORRISON, President, 41 West 25th Street, Chicago

Em 1820 foi desenvolvido um tipo de suspensório escrotal para melhor acomodar a genitália dos jôqueis sobre a sela dos cavalos. Esse foi o primeiro suporte atlético, ou seja, a primeira *jockstrap*, que só ganhou o formato que conhecemos hoje em 1874, quando as práticas do ciclismo em ruas de paralelepípedo pediram maior proteção dos testículos.

A partir de então, a roupa íntima masculina passaria por vários ajustes em sua modelagem, ressaltando a contemporaneidade.

Propaganda de jockstrap que garante a “qualidade do ciclista” (1941).



PLURALIDADE CONTEMPORÂNEA

Na primeira década do século 20, uma espécie de macacão de malha passou a ser usado como roupa íntima masculina. Alguns modelos tinham abertura nas nádegas em forma de D, presa com botões ou que se mantinham mais ou menos fechadas devido à sobreposição dos tecidos, mas tinham a desvantagem de serem muito quentes no verão.

Surgia também a publicidade de roupa íntima masculina. Pinturas a óleo do americano J. C. Leyendecker retratavam homens com seus macacões ou com os shorts com botões na braguilha e cintura elástica (*boxers*) que foram comuns durante a Primeira Guerra Mundial.



Retrato de Charles Beach, ilustração de J. C. Leyendecker.

Abaixo: anúncio de cuecas da década de 1940. Na próxima página: anúncio de cuecas da década de 1970.



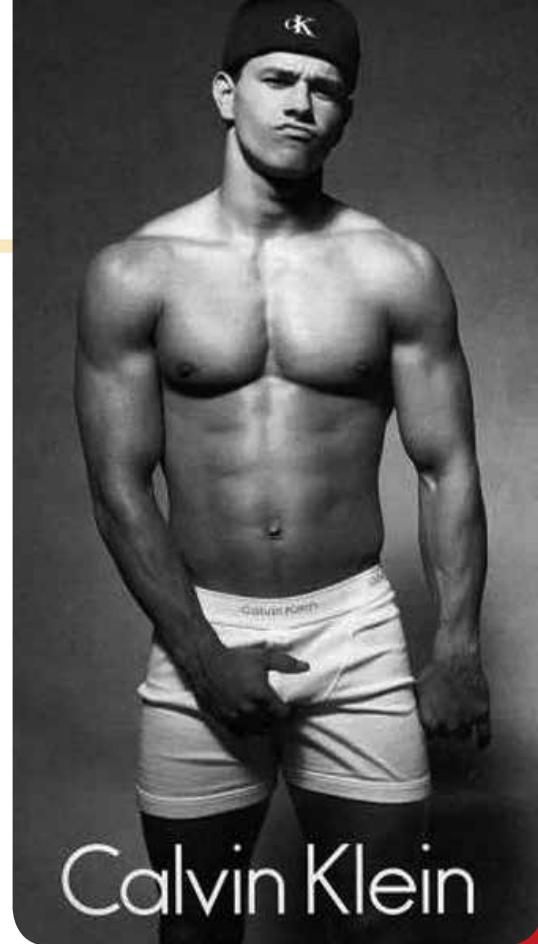
<p>...weight. Curved hem... ...white... ...34 to 44 in... ...69c</p>	<p>Slip: Of White Cotton in a stretchy... ...49c</p>	<p>Slip: Full from medium weight... ...75c</p>	<p>Slip: Fine rib-knit from Cotton... ...75c</p>	<p>Slip: Full from medium weight... ...1.25</p>
<p>...shorts... ...55c</p>	<p>Slip: Full from medium weight... ...55c</p>	<p>Slip: Full from medium weight... ...98c</p>	<p>Slip: Full from medium weight... ...1.00</p>	<p>Slip: Full from medium weight... ...1.60</p>

A história da vestimenta foi revolucionada após a Segunda Guerra Mundial: começavam a indústria da moda e a cultura do consumo. As mulheres – que haviam sido imprescindíveis no mercado de trabalho durante a guerra – estabeleceram um novo status quo social que afetou a masculinidade como um todo. A roupa íntima passou a ser uma questão não só de conforto e prática, mas também de estética e estrato social.

O jeans substituiu as tradicionais calças de tecido no cotidiano e os modelos de short como roupa íntima perderam espaço, pois enrolavam nas coxas. O formato Y da roupa íntima feminina chegou para a roupa masculina, emulando as sungas esportivas, e dominou o

mercado como modelo *slip*. Uma vasta gama de cores, padrões geométricos, estampas e modelos mais curtos sem braguilha surgiram em anúncios publicitários que satirizavam os modelos antigos (como a samba-canção) e precisavam atingir o homem pós-guerra.

Na década de 1970, boxers mais justas voltaram a ser opção de formato, enquanto sungas diminuía e traziam a tanga de volta ao universo das cuecas. O corpo atlético dos homens e a presença de celebridades passaram a ser utilizados para inserir poder e sensualidade nas propagandas. Slogans marcantes de marcas emblemáticas fizeram história e mexiam com a gente! Cueca virou moda!



Famoso anúncio da CK com Mark Wahlberg (1992).

Em ensaios fotográficos é corriqueiro vermos o protagonismo desse pequeno traje, roubando a cena e dimensionando volumes e formas de tirar o fôlego! Vale observar as composições de imagens, com recheios salientes, cuecas em cores contrastantes aos tons de peles, pêlos e pentelhos de seus modelos, tornando ela a joia preciosa. O falo é evidenciado em uma cueca bem resolvida, escolhida a dedo onde a sensualidade, a erotização atinge sua melhor expressão. Alguém aí lembrou do *codpiece*?

Claro que velar, acobertar, camuflar ou mesmo esconder provoca e desperta curiosidade e pode trazer mais erotismo – o que, no caso da cueca, expande sua imagem e função e torna seu papel sobre o vestir mais amplo e fundamental! –, porém, designers e estilistas – como o pioneiro Calvin Klein – descobriram ainda nos elásticos

ao redor da cintura soluções de marketing para exposição de marcas, um espaço estratégico de diferenciação de produto e fidelização de mercado, uma assinatura para a moda masculina.

Enquanto peça de roupa, não podemos esquecer na essência, que a cueca é uma peça do vestuário e, portanto, ao longo do tempo se adequa a questões sociais e comportamentais. Assim, no século 21, vemos a indústria do vestuário se adequando ao homem trans para que esse público se sinta confiante e potencialize sua autonomia em sua intimidade. O diferencial das modelagens está na cavidade frontal onde é inserido o *packer* (espécie de pênis e/ou consolo de borracha) que cria não só o volume, mas também dá mais segurança emocional e entendimento do próprio corpo masculino.

Portanto, sugerimos aqui uma pequena adaptação na famosa frase “diga-me com quem tu andas que direi quem tu és!”: diga-me qual cuecas vestes e direi o que tu desejas! **8=D**

Cueca com cavidade frontal para *packer* ou coquilha.



MODELOS

Estilistas costumam indicar modelos de cueca para tipos específicos de corpo, mas que fique claro: cueca não tem “dress code”! Escolha a que te faz bem, te faz se sentir sexy e confortável. Algumas dicas, contudo, são bem interessantes.

Pra quem está acima do peso, por exemplo, todo modelo é passível de uso, mas vale ter atenção às cores (cores mais claras passam a impressão de um volume maior, não só do pênis, mas do corpo como um

todo) e aos elásticos (quanto mais apertado, mais gordurinhas acentuadas). A sugestão é procurar modelos plus size ou tentar um tamanho acima. Essa dica do tamanho acima também pode oferecer conforto.

Atenção também às costuras, pois elas determinam formas e até os volumes (sim, existem cuecas com suporte interno, ou bojo): reza a lenda que modelos sem costura são extremamente confortáveis.

Slip

É o modelo de referência para o que se chama de cueca hoje. O formato em Y (com elástico na virilha e sem tecido nas coxas) dá maior sustentação ao órgão genital masculino ao mantê-lo numa posição fixa e separado das coxas, e garante maior liberdade de movimento, tornando-se ideal para a prática esportiva. Alguns médicos dizem que os modelos mais justos forçam os testículos contra o corpo e isso aumenta a temperatura local, afetando a produção de espermatozoides.

O modelo *slip* tradicional tem uma abertura na frente feita com sobreposição de tecidos sem fechamento por botão para que se possa ir ao banheiro fazer xixi sem tirar toda a cueca (também chamado de *bolso canguru*). Diz-se que essa abertura foi pensada para destros e, por essa razão, a sobreposição de tecidos faz com que a abertura fique do lado esquerdo para facilitar a retirada do pênis. Isso pode ter influenciado a forma como o homem posicionou o pênis durante décadas: para a esquerda. Hoje os modelos tem corte semelhante às sungas sem abertura, portanto, o posicionamento do pênis ficou livre, já que ele é usualmente tirado por cima.

É um modelo indicado para qualquer tipo de corpo, porém, por deixar as coxas totalmente à mostra, proporciona um alongamento visual das pernas e favorece os homens baixos ou com tronco comprido. Como não marca debaixo das calças, tem bom uso com roupa social e ou calças mais justas.



Boxer e Samba-canção

Durante a Primeira Guerra Mundial surgiram os primeiros shorts com botões e cintura elástica para serem usadas sob os pesados uniformes. Com o tempo, novos modelos foram patenteados com botões menores para maior conforto e acessibilidade. Acredita-se que o nome *boxer* tenha duas fontes: o formato quadrado (“caixa”) do modelo e ter sido inspirado nos calções dos boxeadores. Já o nome *samba-canção* foi um apelido pejorativo de quando o estilo musical já estava fora de moda (por volta da década de 1950).

O modelo chamado hoje de *boxer* é justo ao corpo. Não marca por baixo da roupa, mas costuma embolar nas pernas se a calça for muito justa ou se as coxas forem muito grossas, formando uma marcação horizontal no início da coxa. Por dar um efeito de encurtamento das pernas ao dividir a coxa visualmente na metade, acaba sendo mais indicado para pessoas altas. Porém, diversas pesquisas dizem que esse é o modelo mais adquirido e preferido tanto por homens quanto por mulheres. Tem que ser comprada do tamanho ideal: menores ficam muito apertadas e maiores ficam muito soltas.

As cuecas *samba-canção* são para quem procura conforto extremo e usa roupas mais soltas, uma vez que é quase certo de ficar completamente embolada em roupas muito justas. Hoje esse modelo tem sido usado mais como pijama. Estilistas indicam para pessoas acima do peso ou com coxas muito grossas.

Existem também as chamadas *midway briefs*, um modelo de *boxer* que cobre toda a coxa até o joelho, lembrando os novos modelos de roupa para natação competitiva. São bons para quem tem coxas grossas, pois dá um visual alongado, reduz a chance de embolar e suaviza o atrito entrecoxal (ideal para práticas esportivas). É indicado para homens altos, mas deve ser evitado por quem tem coxas finas, pois vai destacar a magreza.



Sunga

É a vestimenta usada por homens para banhos públicos em praias, piscinas e termas ou saunas. Para competições esportivas, a *sunga** é bastante justa e feita de materiais que proporcionem melhor aerodinâmica, sejam resistentes ao calor e de secagem rápida.

Na antiguidade clássica e na maioria das culturas, o banho público era nu. Ao longo da Idade Média o banho público foi sendo desencorajado e, no século 18, a natação era considerada de moralidade duvidosa e tinha que ser justificada por motivos de saúde. No fim do século 19, o traje de banho era completo: short e regata em peça única feita de malha chamada *maillot* (“malha”, em francês). Somente no início do século 20, a natação passou a ser considerada uma atividade legítima de lazer ou passatempo, com os decotes nas costas ficando proeminentes. Nos anos 1930, o torso masculino foi exposto e ficou só o short – usualmente chamado de *swim brief* (“calção de nado” ou “calção de banho”).

Em 1956, durante as Olimpíadas de Melbourne, a empresa estadunidense *Speedo* tirou as pernas e baixou o cós dos calções de banho, criando o formato em Y hidrodinâmico que dominou o mercado esportivo da natação, invadiu os balneários e influenciou as modelagens de roupa íntima masculina. Em alguns lugares do mundo, *speedo* é o nome da vestimenta.

Na década de 1970 os modelos foram ficando cada vez mais cavados e diversos materiais foram usados, inclusive, ganhou um forro interno para evitar transparências. A lateral ficou tão estreita que foi chamada de *tanga*, comparada às primeiras vestimentas íntimas dos homens.

A partir da década de 1990, o modelo deixou de ser tão cavado e ficou mais quadrado, sendo chamado de *sungão* (*trunks*, palavra em inglês também usada para shorts de banho bem curtos). Esse modelo quadrado e justo foi levado para o universo das cuecas, como um intermediário dos modelos *slip* e *boxer* que se tornou um curinga que costuma ir bem com qualquer tipo de corpo.

*A palavra “sunga” tem provável origem africana.



Fio dental, Tanga e Bikini

O corte chamado fio dental (*thong*) vem dos biquinis femininos, protegendo a genitália, mas expondo as nádegas com um fino tecido correndo entre elas para estruturar. No Japão, existe o *fundoshi*, um fio dental feito de tecidos naturais, usado há séculos.

Fio dental.



É preciso diferenciar o fio dental da tanga ou do bikini. Os três modelos são considerados “lingerie masculina” de tanto que se aproximam dos modelos femininos: bikini é como um modelo *slip* muito cavado, ou seja, com cobertura na parte traseira; enquanto, tanto a tanga quanto o fio dental expõem a parte traseira e a diferença está na quantidade de tecido nas laterais.

80

Tanga.



Apesar da sensação de liberdade por terem menos tecido, esses modelos não costumam ser modelos práticos para o dia-a-dia. São pouco usados pelos homens e ficaram atrelados aos fetiches. Todavia, seu uso é comum por esportistas, fisiculturista e lutadores por proporcionar melhor adequação à anatomia, leveza e liberdade de movimento; e também por mulheres trans, travestis e drag queens que fazem o *tucking* (ou *aquendar*, forma de internalizar os testículos e colocar o pênis para baixo entre as pernas para reduzir o volume)

Bikini.



Coquilha e Suporte Atlético

A coquilha é um protetor genital (pênis e testículos) colocado dentro da cueca e utilizado principalmente por praticantes de esportes de contato e outras atividades físicas vigorosas. É normalmente feito de plástico rígido ou metal com um forro macio para o contato com o corpo e algumas versões possuem furos para ventilação.

Para se manter no lugar, utiliza-se um suporte atlético (*jockstrap*), um tipo de tanga sem cobertura traseira, com um bolso interno frontal para a coquilha e uma estrutura elástica que costuma levantar o pacote para cima. Como a parte traseira é inexistente, causa uma sensação bem forte de liberdade, porém, os elásticos na virilha podem causar desconforto.

Alguns suportes são projetados para esportes específicos: os atletas de hóquei, por exemplo, podem ter tiras elásticas ajustáveis e até grampos de liga que se prendem às meias, enquanto o volumoso protetor de goleiro tem estofamento de espuma abdominal e genital. Os dançarinos de balé clássico também passaram a usar um suporte bastante flexível e macio com tiras elásticas bem finas e uma coquilha para evitar o volume marcado nos figurinos extremamente justos.

As revistas de fisiculturismo e corpos atléticos do início do século 20 popularizaram os suportes atléticos como vestimenta gay. O bolso interno frontal onde se coloca a coquilha é hoje usado para posicionar a genitália masculina mais pra cima e mais pra frente. O termo “jock” acabou se tornando uma gíria tanto para atleta quanto para genitália. **8=D**



81